

Boa Nova para cada dia / agosto 2016

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Marco Cunha, s.j. (Domingos e Dias Santos)

Tempo Comum – Transfiguração do Senhor / Assunção da Virgem Santa Maria

Seg, 1 – SANTO AFONSO MARIA DE LIGÓRIO (Memória)

Jer 18, 1-17 / Slm 118 (119), 29.43.79.80.95.102 / Mt 14, 13-21

Todos comeram e ficaram saciados. (Evang.)

Este seria o ideal terreno; que todos pudessem comer e ficar saciados. Tal não é possível. (Para já.) Mas podemos levar uns aos outros o Pão da Vida, o pão que enche plenamente e que também trata do outro, o pão que o amor traz. O leitor já pensou, por exemplo, reservar uma percentagem do seu rendimento mensal ou anual para que outras pessoas possam comer? O leitor priva-se de alguma coisa para que outros não tenham privações? O que é que Jesus quer de si nesta matéria? Seria bom pensar nisso.

Ter, 2 – SEMANA XVIII DO TEMPO COMUM

Jer 30, 1-2.12-15.18-22 / Slm 101 (102), 16-21.29.22-23 / Mt 14, 22-36

«E gritaram cheios de medo». (Evang.)

Jesus pode provocar em nós várias reações. Uma delas é o medo. Temos medo daquilo que não conhecemos ou daquilo que nos ameaça. Às vezes Jesus pode ser uma ameaça; diz-nos que agarremos na nossa cruz e O sigamos. Resta saber se sem Ele não temos cruz. Não parece que a nossa vida sem Ele não tenha cruz. Ele diz-nos que vamos a Ele, os sobrecarregados e oprimidos. A conclusão é que com Ele (amando) é mais fácil levarmos a cruz.

Qua, 3 – SEMANA XVIII DO TEMPO COMUM

Jer 31, 1-7 / Jer 31, 10-12ab.13 / Mt 15, 21-28

«Mulher, é grande a tua fé». (Evang.)

Ter fé é ter a certeza que o amor de Deus e o amor a Deus dão fruto. Podemos não o notar, mas é aí que temos que ter fé. Temos que amar sem desistir. O amor tem sempre boas consequências. Mas temos que ter fé que Deus está no que estamos a fazer, seja gerir uma empresa, uma instituição de caridade, ver doentes ou fazer limpezas, estar em casa ou estar na rua. Meu Deus, vem comigo no meu carro, acompanha-me ao longo deste dia, ajuda-me a entregar-me.

Qui, 4 – SÃO JOÃO MARIA VIANNEY (Memória)

Ez 3, 16-21 / Slm 116 (117), 1.2 / Mt 9, 35 – 10, 1 (L. Santoral)

... andavam fatigadas e abatidas como ovelhas sem pastor. (Evang.)

Quantas pessoas encontramos nós como ovelhas sem pastor, sem terem quem as acolha, reconforte, lhes dê de comer, as conduza a um sítio onde possam descansar, sítio esse que é o nosso coração? Podemos ser tão importantes para as pessoas em determinado momento! Podemos desferir-lhes um golpe que dure para toda a vida ou dar-lhes uma alegria cuja memória abrilhante todos os seus dias. O leitor reze pelo talento de ser verdadeiramente importante para as pessoas.

Sex, 5 – SEMANA XVIII DO TEMPO COMUM

1ª SEXTA-FEIRA

Naum 2, 1.3; 3, 1-3.6-7 / Deut 32, 35cd-36ab.39.41 / Mt 16, 24-28

Eu sou o Senhor da morte e da vida. (Salmo)

Hoje vamos rezar por todas as pessoas que julgam ter direito sobre a morte e sobre a vida. Rezamos também por todas as mulheres tantas vezes empurradas para atos que não desejariam realizar, pelas pessoas tão desesperadas que querem morrer. Pedimos que a esperança de Deus, encarnada na esperança que os homens podem trazer, se estenda sobre elas.

Sáb, 6 – TRANSFIGURAÇÃO DO SENHOR (Festa)

1º SÁBADO

Dan 7, 9-10.13-14 / Slm 96 (97), 1-2.5-6.9.12 / 2 Pedro 1, 16-19 / Lc 9, 28b-36

«... de uma brancura refulgente». (Evang.)

Naquela altura, Jesus apresentou-Se aos apóstolos de uma maneira que eles pudessem vislumbrar a sua divindade e depois dar testemunho dela. Nós também temos que dar testemunho da divindade de Jesus, divindade essa que é de estar para os outros.

Dom, 7 – DOMINGO XIX DO TEMPO COMUM – Ano C

Sab 18, 6-9 / Slm 32 (33), 1.12.18-19.20.22 / Hebr 11, 1-2.8-19 / Lc 12, 32-48

Qual é o momento mais feliz da nossa vida? Qual é aquele momento culminante em que chegamos verdadeiramente à nossa meta?

Ao longo da história, houve diversos modos de afrontar a questão da morte. Por exemplo, os estoicos, na antiga Grécia, diziam: «Não penses na morte! Se tu estás aqui, então a morte não está presente, se estiver aqui a morte, então tu não estarás aqui. Vós os dois não tendes nada em comum». Por outro lado, entre os cristãos sempre se recomendou que nos preparássemos para a morte. Mas atenção! A morte não como fim de tudo, mas como início da vida nova, daquela vida à qual somos todos chamados e que é a vida *em Cristo*.

O Evangelho de hoje começa com as palavras: «Não temas, pequenino rebanho». Não temas, repete o Senhor tantas vezes. Não *tenhas medo!* O medo

é o contrário da fé. O temor de Deus, que é o principio de toda a sabedoria, é recordar que Deus é o nosso Pai e, assim, viver a nossa vida quotidiana com a consciência que somos filhos de Deus e que é n'Ele que colocamos a nossa confiança. Às vezes, temos medo porque somos poucos ou porque o mundo nos parece ameaçador. Na verdade, seremos sempre um «pequenino rebanho» porque o nosso Pastor Se fez o mais pequeno de todos, mas sabemos que nunca nos abandonará.

No Domingo passado, víamos como o «rico insensato» acumulava as suas riquezas para este mundo. «Nunca se sabe», pensava ele. «Mais vale prevenir». Ele tinha colocado a sua confiança nas coisas e não percebeu o que realmente valia a pena esperar e preparar. A vida é inseparável da *expectativa*. A criança levanta-se de manhã inconscientemen-

te com as perguntas: «o que acontecerá hoje de interessante? Que jogos e brincadeiras vou fazer?». O adulto: «o que acontecerá de bom ou de mau hoje?». Os Velhos não esperam nada do seu dia... Esperam só que nada mude, que as rotinas se mantenham. O que espera do seu dia a pessoa cheia de vida?

Nós transformamo-nos naquilo que esperamos e ansiamos. Quem acredita que no fim há só a morte e, no fundo, espera a morte, produz aquilo em que acredita, a morte. O Evangelho de hoje, que nos apresenta duas parábolas e a imagem da bolsa que não envelhece, onde somos chamados a acumular tesouros para o Reino dos céus, mostra-nos

o que *espera quem espera* o seu Senhor. O cristão sabe que não tem aqui a sua morada definitiva, que é um peregrino sobre esta terra. Sabe que esta vida não é vazia, mas é o tempo da salvação, o tempo em que é chamado a manifestar ao mundo Aquele que *espera*.

Assim, a história torna-se lugar de salvação e de manifestação d'Aquele que *esperamos*. Ele vem, e está sempre a vir em cada um de nós que O manifesta aos outros na atitude vigilante de quem *espera* o Amado. O discípulo do Senhor vive na certeza de que Ele é o Senhor da Vida, Aquele que vem e está sempre presente; por isso nada teme, porque sabe que tudo vem do Pai e que para o Pai está a caminhar.

Seg, 8 – SÃO DOMINGOS (Memória)

Ez 1, 2-5.24-28c / Slm 148, 1-2a.11-14 / Mt 17, 22-27

«O Filho do homem vai ser entregue nas mãos dos homens que hão de matá-Lo».
(Evang.)

Todas as vezes que nos damos com os outros é uma entrega nas suas mãos. Vezes há em que nos sentimos mais fortes, outras mais vulneráveis. Mas devemos ir sempre com Deus. E receber Deus, quero dizer, ver Deus no outro. Não digo substituir o outro por Deus ou dar-lhe importância porque Deus está nele. Não, a pessoa tem valor por si. Tanto valor que Deus está dentro dessa pessoa. E é a essa pessoa com Deus dentro que nos temos que abrir hoje. Ao longo do dia de hoje.

Ter, 9 – SANTA TERESA BENEDITA DA CRUZ (Festa)

Os 2, 16b.17b.21-22 / Slm 44 (45), 11-12.14-17 / Mt 25, 1-13

«Enquanto foram comprá-lo, chegou o esposo». (Evang.)

Esta parábola pode ser considerada como um aviso: o tempo passa irremediavelmente e há coisas que se não se fizeram – pelo Reino – «na altura», nunca mais se poderão fazer. E há as coisas más, que também não se podem desfazer. Daí a importância de uma certa cerimónia. A cerimónia – com conta peso e medida – é uma forma de caridade. Evita que se passe determinados limites. O leitor reze sobre isso.

Qua, 10 – SÃO LOURENÇO (Festa)

2 Cor 9, 6-10 / Slm 111 (112), 1-2.5-9 / Jo 12, 24-26

«Se alguém Me quiser servir... onde Eu estiver, ali estará também o meu servo». (Evang.)

E onde é que Jesus está? Jesus está nos desprotegidos esquecidos de todos, nos desprotegidos que os mass media não contemplam. Jesus está naquelas pessoas que precisam de ser ouvidas, está nos nossos amigos em crise, está nos amigos sem dinheiro. Jesus está em muita gente à nossa volta. A questão é se vamos ter com Ele. O leitor vai? Através de quem, concretamente?

Qui, 11 – SANTA CLARA (Memória)

Ez 12, 1-12 / Slm 77 (78), 56-59.61-62 / Mt 18, 21 – 19, 1

«... quantas vezes deverei perdoar-lhe?». (Evang.)

«70 vezes 7» é uma expressão que significa a plenitude infinita. Se o 7 já era o número da perfeição, o leitor imagine o que Jesus quer dizer com «70 x 7». Queria dizer «tantas vezes quantas Deus perdoa». Quando tiver dificuldade em perdoar, o leitor acolha-se no coração de Nossa Senhora, que teve tanto que perdoar. (Devia haver uma Nossa Senhora do Perdão). O leitor tenha-a para si e reze-lhe.

Sex, 12 – SEMANA XIX DO TEMPO COMUM

Ez 16, 1-15.60.63 ou Ez 16, 59-63 / Is 12, 2-3.4bcd.5-6 / Mt 19, 3-12

«Foi por causa da dureza do vosso coração...». (Evang.)

Agora somos nós que temos que transformar o nosso coração duro. Porque amar é muito difícil. Amar não é o sentimento superficial de simpatizarmos com alguém ou de nos sentirmos fisicamente atraídos por uma pessoa. Nem é termos muita empatia com outra pessoa. Amar é pensar no bem do outro. É viver para o outro. É pensar no bem do outro e agir em conformidade todos os dias. Medite sobre isto e concretize-o.

Sáb, 13 – SEMANA XIX DO TEMPO COMUM

Ez 18, 1-10.13b.30-32 / Slm 50 (51), 12-15.18-19 / Mt 19, 13-15

«... apresentaram umas crianças a Jesus, para que lhes impusesse as mãos». (Evang.)

Proponho ao leitor que peça a Jesus que lhe imponha as mãos e que reze ao Pai por si. O leitor ponha-se na sua posição de oração preferida e receba imensa ternura do Pai que o enche de ternura para dar. Depois encha os olhos com essa ternura de Deus e olhe o mundo assim. E assim, olhe também as pessoas com quem se vai dar hoje. Escolha uma e tenha uma atenção especial com ela durante o dia. Ainda durante o tempo desta meditação imagine-se a olhar o mundo com a ternura de Deus.

Dom, 14 – DOMINGO XX DO TEMPO COMUM – Ano C

Jer 38, 4-6. 8-10 / Slm 39 (40), 2-3.4.18 / Hebr 12, 1-4 / Lc 12, 49-53

Cada vez que celebramos a Eucaristia, recordamos que o Senhor disse aos Apóstolos: «Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz». No Evangelho de hoje, Jesus diz-nos que veio trazer a divisão e não a paz. Em que ficamos?

Talvez nunca se tenha falado tanto de paz como hoje. Tantas declarações que exigem a paz para tantos sítios diferentes da Terra. Nós falamos daquilo que nos falta e que seria bom ter. A paz é, na verdade, um dos principais valores humanos. Porque

será que Jesus hoje nos diz: «Pensais que Eu vim estabelecer a paz na terra? Não. Eu vos digo que vim trazer a divisão»?

Talvez estas palavras nos assustem e nos deixem perplexos. A palavra «paz» não é fácil nem simples. O que é a «paz»? O Senhor diz-nos que veio trazer a «sua paz» ao mundo, mas põe-nos de sobreaviso: não podemos confundir a sua paz com aquela do mundo. É preciso saber distingui-las. Frequentemente, quando se fala de paz pensamos na ausência de guerra: Portugal está em paz porque não está em guerra com ninguém. Mas será só isto?

Às vezes ouvimos dizer de alguém que não tem inimigos. Pode ser, mas alguns santos tinham muitos inimigos porque eram pessoas sinceras que defendiam a verdade e acabavam por criar ressentimentos por parte daqueles que estavam centrados em si mesmos. Nas relações com as outras pessoas, não basta fazer o bem e não atacar ninguém para que haja sempre paz. É como quando se guia um carro: podemos fazer tudo bem e pode acontecer que outros venham contra nós. Quando o Senhor fala de divisões, até dentro das famílias, fala disto mesmo: quem

vive procurando seguir a vontade do Pai irá, mesmo dentro de sua casa, encontrar aqueles que se opõem.

Há, porém, uma outra paz: aquela dentro de cada um de nós, dentro do nosso coração. Muitos eremitas que se queriam afastar do mundo para se poderem retirar em oração acabavam por dizer que não conseguiam rezar porque os pensamentos não lho permitiam. Acabavam por chegar à conclusão de uma coisa: a paz é um dom e não uma mera conquista pessoal.

A paz plena, dentro e fora de nós, é um «dom escatológico». Isto significa que se realiza plenamente só quando estivermos totalmente em Cristo, na vida eterna. Entretanto, na peregrinação sobre esta terra, é preciso combater por ela. O cristão é chamado a combater em primeiro lugar pela paz dentro de si e a arma principal deste combate é a oração que sintoniza a nossa vontade com aquela do Pai. Não é por acaso que em todas as Eucaristias nós rezamos pela paz. Esta é um dom que precisamos de pedir sempre na nossa oração. Um homem ou uma mulher em paz são aqueles que conciliaram dentro de si a sua vontade

de com aquela de Deus. Aquele que tem o coração pacificado consegue superar os conflitos com os outros com amor. Não perde a paz se lhe são impostas

coisas que não queria porque tem o coração conciliado com a vontade de Deus. É aquele que combateu o bom combate.

Seg, 15 – ASSUNÇÃO DA VIRGEM SANTA MARIA (Solenidade)

Ap 11, 19a; 12, 1-6a.10ab / Slm 44 (45), 10.11.12.16 / 1 Cor 15, 20-27 / Lc 1, 39-56

Hoje, a Igreja celebra a Solenidade da Assunção de Nossa Senhora. Recordamos o momento em que Maria, a Mãe de Deus, depois de terminada a sua missão terrena, é elevada aos Céus em corpo e alma. Este singular privilégio faz de Maria modelo do nosso caminhar para Deus.

No Antigo Testamento temos muitas promessas de Deus ao seu Povo. Tal como acontece com Maria, o Senhor prometeu a Sara, mulher de Abrão, que seria mãe (cf. Gen 18). Ela, porque era já idosa, riu-se da promessa de Deus. Não acreditou. Para ela, Deus não era capaz de dar vida. Talvez acreditasse num deus que simplesmente gozava com ela e que nunca poderia manter a sua promessa.

Com Maria foi diferente. Ela sabe que o Senhor é grande e compassivo. Acredita nas suas promessas e canta. Ela é aquela que acredita no projeto que

Deus tem para si. Pode não saber o que irá acontecer na sua vida, mas sabe em quem coloca a sua confiança. Por isso, diante de sua prima Santa Isabel, canta as maravilhas que o Senhor opera na sua vida.

Enquanto Sara está centrada em si mesma e sabe que, tendo em conta a sua idade, é impossível que venha a ter filhos, Maria é humilde e portanto não põe as suas esperanças em si mesma e nas suas forças, mas na promessa do Senhor. Porque é humilde, está disponível para acolher o dom de Deus. Porque sabe nada merecer pode receber a graça do Senhor.

Deus é amor, e o amor doa-se. Mas o dom só é verdadeiramente dom para quem não o merece. Se é merecido, não é um dom, mas um prémio. A única coisa que Maria sabe é que o Senhor olhou para ela e a chamou. Ela reconhece a sua incapacidade, mas responde

ao Senhor que se faça nela a sua vontade.

Porque é humilde, isto é, porque não está preocupada consigo mesma, pode afirmar: «De hoje em diante, me chamarão bem-aventurada todas as gerações». Ela sabe que é «bem-aventurada» não por méritos especiais que tenha realizado, mas porque Deus pousou sobre ela o seu olhar e porque O recebeu como dom gratuito. De modo algum ela se considerou merecedora de tal dom, não permitiu que dentro de si crescessem os pensamentos de merecimento.

São assim os dons de Deus. Gratuitos e independentes dos nossos méritos. Quando comecemos a pensar: «mas até sou bom cristão e até mereço que o Senhor me faça esta graça», já estamos a corromper o amor, a querer comprar os dons do Senhor, a quer merecer o seu Amor.

Tal como aconteceu com Maria, os dons de Deus que recebemos na nossa vida empurraram-nos para a frente, fazem-nos sair de nós mesmos em direção

aos outros. Quem ama e é amado, não pode ficar fechado em si mesmo. É assim o Amor! Maria é uma mulher que ama e é amada, descentrada de si própria e aberta às necessidades dos outros. Ao aceitar o projeto de ser a Mãe de Deus, manifesta-se disponível e ao serviço dos que a rodeiam. A glória de Maria vem da sua entrega generosa à lógica do reino de Deus. A Mãe coloca-se ao serviço do Filho, em obediência à vontade do Pai, guiada pela força do Espírito Santo.

É esta a forma de glorificarmos também a nossa vida, na atenção ao próximo, na gratuidade das relações que se constroem em liberdade, no desinstalar-se dos comodismos que fazem perder a sensibilidade para viver o amor na lógica do dar e receber em sintonia com a pessoa de Jesus.

Peçamos à bem-aventurada Virgem Maria que interceda por nós junto do seu Filho, para que possamos também participar da glória de Jesus, vivendo cada vez mais, com confiança e entrega generosa, à imagem e semelhança do próprio Deus.

Ter, 16 – SEMANA XX DO TEMPO COMUM

Ez 28, 1-10 / Deut 32, 26-28.30.35cd-36ab / Mt 19, 23-30

«Que recompensa teremos?». (Evang.)

Parece-me que a pergunta de Pedro tem isto subjacente: deixámos tudo o que nos fazia felizes para levarmos esta vida que (no mínimo) não desperta grande entusiasmo. Que recompensa teremos? (Se fosse uma vida cheia de coisas boas, Pedro não se perguntaria pela recompensa.) Pedro só sentirá a verdadeira alegria em seguir Cristo até à cruz depois da vinda do Espírito Santo. O leitor peça o Espírito Santo para sentir cada vez mais a alegria de se dar gratuitamente.

Qua, 17 – SANTA BEATRIZ DA SILVA (Memória)

Ez 34, 1-11 / Slm 22 (23), 1-6 / Mt 20, 1-16a

Amigo, em nada te prejudico. (Evang.)

A nossa capacidade em nos alegrarmos com as alegrias dos outros é limitada, na melhor das hipóteses, ao conceito do que é justo. Eu acho que se não nos alegrarmos com a felicidade dos nossos irmãos que ganharam o Céu à última hora enquanto nós o estivemos a ganhar durante a vida toda – que é o que esta parábola significa – é porque estivemos a fazer um frete a “cumprir regras” e não a amar (com alegria). Lembremo-nos que a misericórdia é fundamental (muito para além deste ano.)

Qui, 18 – SEMANA XX DO TEMPO COMUM

Ez 36, 23-28 / Slm 50 (51), 12-15.18-19 / Mt 22, 1-14

«... poucos os escolhidos». (Evang.)

Mas escolhidos por Deus, não por nós. A nós não nos compete julgar, porque as aparências iludem. Tanto para um lado como para o outro. Mas mesmo as aparências não nos compete tentar perceber. Só nos compete tentar perceber o coração das pessoas, na medida em que somos capazes, porque é sempre muito difícil perceber o coração das pessoas que nos fazem mal. Peçamos a Deus a graça de fazermos esse esforço e de termos sensibilidade para percebermos o coração das pessoas.

Sex, 19 – SEMANA XX DO TEMPO COMUM

Ez 37, 1-14 / Slm 106 (107), 2-9 / Mt 22, 34-40

Amarás o teu próximo como a ti mesmo. (Evang.)

Não me canso de chamar a atenção do leitor para este «como a ti mesmo». Amar-nos a nós mesmos não é fecharmo-nos sobre nós. Isso não é amor, é egocentrismo, egoísmo. Pela mesma ordem de ideias, também não é fazermos tudo o que queremos. Antes, termos atenção a nós próprios, às vezes deixando os outros zangados. Mas ceder aos outros só para não os vermos zangados não é amá-los, é estragá-los e acobardarmo-nos. Hoje, o leitor peça a graça de se amar a si próprio sem se estragar.

Sáb, 20 – SÃO BERNARDO (Memória)

Ez 43, 1-7a / Slm 84 (85), 9ab-14 / Mt 23, 1-12

«Aquele que for o maior entre vós será o vosso servo». (Evang.)

O nosso Papa é um exemplo das pessoas que recusam radicalmente os privilégios que os cargos trazem. (Ele fez isso ao longo de toda a sua vida.) Isso é verdadeiramente servir. Depois de sabermos isso, o nosso coração começa a apontar aqueles que, dentro da Igreja, não fazem como o nosso Papa, começamos a ser juízes e a esconder as nossas incoerências atrás das sotainas dos cardeais. Olhemos para nós. Que fazemos nós dos privilégios que Deus nos dá? A nossa vida está ao serviço dos outros? As nossas forças? O nosso dinheiro?

Dom, 21 – DOMINGO XXI DO TEMPO COMUM – Ano C

Is 66, 18-21 / Slm 116 (117), 1,2 / Hebr 12, 5-7.11-13 / Lc 13, 22-30

O Senhor não veio chamar os justos, mas os pecadores, para que se convertam. Na verdade, não existem homens justos que se salvem a si mesmos, mas somos todos salvos pelo

Senhor que é a *Porta* por onde todos podemos entrar.

O Evangelho de hoje fala-nos da *Porta larga* da misericórdia de Deus, que é o Senhor, pela qual somos todos salvos. Para entrar,

basta que nos reconheçamos pecadores diante de Deus que é perdão. Ninguém pode atravessar a Porta pelos seus méritos; estes fazem-nos inchar e convencer que até merecemos a salvação. A Porta, que é o Senhor, é demasiado estreita para a nossa presunção, que é demasiado larga. Para passar por ela temos de *morrer* a tantas coisas que levamos connosco, tantos pesos desnecessários...

A salvação, que é a única questão verdadeiramente importante na nossa vida, é um dom gratuito, e já cumprido, de Deus aos seus filhos. Temos, no entanto, de lutar por passar pela Porta que é Cristo, o mais humilde de todos nós. Aquele que abdicou da sua condição divina e Se fez um de nós. A salvação é um dom, mas não retira nada à nossa iniciativa, ao nosso empenho e à nossa liberdade. Somos chamados, na verdade, a *fazer tudo, como se tudo dependesse de nós, sabendo que tudo depende de Deus*. A luta é verdadeiramente vital: naturalmente queremos vencer, salvarmo-nos a nós mesmos, provar que até somos bons e cumpridores. A via é a «mortificação». Isto quer dizer que a nossa dignidade, que está na nossa liberdade, passa por saber morrer, a cada dia, a todas

as coisas que nos tornam mais pesados e mais centrados em nós mesmos. Não é fácil, mas a «mortificação» é, na verdade, «vivificação», é a coragem de fazer uma escolha. Um alcoólico que não sabe «mortificar-se» na sua vontade de beber caminha para a morte, enquanto que aquele que o consegue fazer encontra vida. É da coragem em assumir as consequências das escolhas que nasce a liberdade em relação aos próprios desejos: o homem «mortificado» é aquele que já não precisa de satisfazer a própria vontade porque é livre!

A Porta *larguíssima* da misericórdia de Deus é aqui chamada de estreita porque a salvação tem como porta o Humilde, o último de todos nós; para a passarmos precisamos de morrer à presunção de que conseguimos ser bons e santos. Esta é a conversão, à qual somos todos continuamente chamados: aceitar viver na misericórdia de Deus, reconhecendo a nossa fragilidade. Esta é verdadeiramente uma porta estreitíssima para os justos. Quanto mais nos agarramos à nossa justiça, mais ficamos pesados, «ricos» e cheios de triunfos que nos incham. O nosso pecado é um lugar onde podemos finalmente reconhe-

cer o Senhor como Aquele que é todo misericordioso, alguém que me ama, perdoa e salva.

São os últimos os primeiros! Ele, Jesus Cristo, o Nosso Senhor, fez-Se último, meteu-Se em último lugar na fila. O último é aquele que sabe que não merece passar pela porta e, por isso mesmo, é o que passa com menos dificuldade. O primeiro da fila, aquele que acha que fez tudo bem, é o que se encontra mais longe. O Senhor

veio chamar os pecadores, não os justos. Estes deverão primeiro descobrir o próprio pecado para reconhecerem o Senhor. A porta é muito estreita e, sobretudo, muito baixa: tudo o que nos incha impede-nos de passar. O maior pecado, aquele de que todos precisamos de nos arrepender, é a nossa autossuficiência e presunção. A única diferença entre pecadores e justos neste mundo é a presunção destes últimos.

Seg, 22 – VIRGEM SANTA MARIA, RAINHA (Memória)

2 Tess 1, 1-5.11b-12 / Slm 95 (96), 1-2a.2b-4a.5 / Mt 23, 13-22

«Não entrais nem deixais entrar os que o desejam». (Evang.)

Será difícil não deixarmos as outras pessoas entrar no reino de Deus, mas muitas vezes podemos não as ajudar a amar. Sempre que levamos o outro a pecar, somos responsáveis pelo seu afastamento do Céu. Levamos o outro a pecar quando começamos ou alimentamos maledicências. Levamos o outro a pecar quando pressionamos a comer o que não quer, não pode, não deve. (E isto é tão comum, esta pressão para o outro comer o que não quer é tão comum em Portugal que ninguém o considera um pecado. Muito menos um pecado grave – que o é.) De que é que o leitor se responsabiliza?

Ter, 23 – SEMANA XXI DO TEMPO COMUM

2 Tes 2, 1-3a.14-17 / Slm 95 (96), 10-13 / Mt 23, 23-26

«... a justiça, a misericórdia e a fidelidade». (Evang.)

Hoje convido o leitor a um exame de consciência rezado, em que o leitor vai ver em que é que tem sido justo e misericordioso. E fiel para com aqueles que ama. Dê graças a

Deus. Faça o propósito de continuar. Hoje tenha atos de amor para com quem ama. Pense quais serão.

Qua, 24 – SÃO BARTOLOMEU, APÓSTOLO (Festa)

Ap 21, 9b-14 / Slm 144 (145), 10-13.17-18 / Jo 1, 45-51

«... doze reforços salientes». (1ª Leit.)

Será que o leitor também está chamado a reforçar a cidade de Deus no meio da cidade dos homens? A reforçar de uma maneira que se veja, que se note, que seja palpável? Que as pessoas à sua volta sintam um coração bom e misericordioso, pronto em ajudar, lento em se zangar? Ao mesmo tempo, um coração firme. Simples como as pombas, prudente como as serpentes. É difícil. O leitor precisa de Deus. Muito.

Qui, 25 – SEMANA XXI DO TEMPO COMUM

1 Cor 1, 1-9 / Slm 144 (145), 2-7 / Mt 24, 42-51

«... a sorte dos hipócritas». (Evang.)

Um hipócrita é uma pessoa que funciona com um coração inventado. Logo, Deus não chega a esse coração. O hipócrita fica fora do âmbito de Deus. Como é que está o leitor nestas matérias? Por exemplo, é mais cuidadoso no trato com os superiores do que com os «iguais» ou «inferiores»? Dá-se mais com aqueles que interessa para subir na carreira, ser bem visto, estar dentro do círculo da moda? Como é que Jesus faria? Porque é que não Lhe pergunta?

Sex, 26 – SEMANA XXI DO TEMPO COMUM

1 Cor 1, 17-25 / Slm 32 (33), 1-2.4-5.10-11 / Mt 25, 1-13

A porta fechou-se. (Evang.)

A porta fechou-se e nós ficámos de fora. Ficámos de fora para sempre? Esta parábola também se pode aplicar às vezes em que o noivo aparece e nós não estamos preparados para O receber. Em que aparece quando estamos em pleno pecado. Muitas vezes, em

pleno pecado de omissão. Aqui, temos que ter uma consciência muito afinada para não sermos nem permissivos nem exigentes demais conosco. Mas tenhamos consciência que a grande maioria do nosso pecado é o pecado por omissão, é o ficarmos muito aquém do que poderíamos fazer para melhorar o mundo. Pai, dá-me inteligência e dá-me forças.

Sáb, 27 – SANTA MÓNICA (Memória)

1 Cor 1, 26-31 / Slm 32 (33), 12-13.18-21 / Mt 25, 14-30

«... ceifo onde não semeiei e recolho onde nada lancei». (Evang.)

Deus já tinha dito uma coisa parecida na parábola dos talentos; temos que render. Render quer dizer fazer frutificar a semente que temos cá dentro. Que sementes é que estão dentro do leitor e que têm frutificado? Agradeça a Deus, entregue o seu fruto a Deus. Tem alguma cujo crescimento tenha estado a abafar? Porquê? Fale com Deus sobre isso.

Dom, 28 – DOMINGO XXII DO TEMPO COMUM – Ano C

Sir 3, 19-21.30-31 / Slm 67 (68), 4-5ac.6-7ab.10-11/ Hebr 12, 18-19.22-24a / Lc 14, 1.7-14

Às vezes pensamos que a humildade é uma coisa estranha, *contranatura*, como se ser humilde fosse uma violência contra aquilo que a natureza nos pede. Mas será assim?

O «fermento» farisaico de que Jesus nos previne é contrário à humildade. Este leva-nos a querer sempre mais coisas, enche-nos do desejo de possuir e faz de nós pessoas «inchadas», que procuram viver da glória, dependentes da estima e do reconhecimento dos outros e procurando os primeiros lugares.

Mas o que é a humildade? Diz Santa Teresa D'Ávila que a humildade é a verdade. Isto significa que o humilde é aquela pessoa que tem a atitude mais justa consigo mesmo, com os outros e com Deus. A verdade, para o cristão, é ver o mundo como Jesus o vê. Se o «fermento» dos fariseus nos tenta convencer que temos de, a qualquer custo, conquistar os primeiros lugares, o Evangelho mostra-nos que a nossa verdade é outra: «quando fores convidado, senta-te no último

lugar». Isto parece um conselho contrário à lei da sobrevivência: é verdade que, quando olhamos para os animais, eles lutam sempre para obterem as melhores coisas. Porque é que para nós a humildade é a verdade?

A parábola que hoje rezamos mostra-nos como faz Deus, como age na história, Ele que, fazendo-Se homem, escolheu ser o último, servo de todos, o mais humilde. Com Ele aprendemos que só o humilde dá glória a Deus e d'Ele recebe a glória. O orgulhoso dá glória a si mesmo: contente consigo próprio e com as suas boas ações, fica cego e resiste a Deus. No mundo marcado pelo «fermento» dos fariseus, cada um se considera melhor do que os outros, agradecendo a Deus porque não é como eles, que são pecadores e desonestos...

A bandeira de Cristo tem as cores da humildade e da pobreza, por isso o humilde é como Deus! Conhece-O na sua verdade e sabe que Ele dá precedência aos pecadores que se arrependem e que se sabem

necessitados do seu perdão em relação aos que se acham justos e não precisam de perdão.

Deus ama-nos como somos, e somos criados à imagem e semelhança de Deus. Quanto mais estivermos na nossa verdade, mais humildes seremos. Não precisamos de Lhe provar nada. Ele não precisa que façamos grandes obras, mas quer que estejamos na nossa verdade, onde O reconheceremos entre nós.

Diz São Paulo que devemos competir uns com os outros «na estima mútua» (Rm 12, 9). Assim veremos o mundo como Deus o vê. Quando o Senhor nos diz que «quem se humilha será exaltado» não está a dar uma espécie de prémio àqueles que conseguirem viver em humildade, mas a dizer-nos que a humildade é a nossa verdade! E este não é um convite à apatia, mas um desafio a sermos cada vez melhores: esse é o nosso desafio natural, querer ser o melhor naquilo que somos. E o que somos? Imagem e semelhança de Deus que escolhe ser o último.

Seg, 29 – MARTÍRIO DE SÃO JOÃO BATISTA (Memória)

Jer 1, 17-19 / Slm 70 (71), 1-2.3-4a.5-6ab.15ab.17 / Mc 6, 17-29 (L. Santoral)
«Herodiades odiava João...». (Evang.)

«Herodes respeitava[-o]»... «e mandou imediatamente um guarda, com ordem de trazer a cabeça de João». Ouvir com agrado a voz da razão mas aprisioná-la e fazer o contrário do que ela nos diz vai fazer com que cortemos a cabeça de onde sai aquela voz. Meu caro leitor, que voz tem andado a abafar?

Ter, 30 – SEMANA XXII DO TEMPO COMUM

1 Cor 2, 10b-16 / Slm 144 (145), 8-14 / Lc 4, 31-37

«Todos se encheram de assombro». (Evang.)

Os espíritos impuros nunca querem sair de nós porque têm prazer em estar dentro de nós, fizeram dentro de nós um ninho onde se sentem bem e nós gostamos de os acolher. Os espíritos impuros dão-nos prazer – ou nós já tínhamos corrido com eles – e a falta de um prazer pode ser terrível. Temos que pedir a Deus graça e inteligência para os expulsar. O leitor peça.

Qua, 31 – SEMANA XXII DO TEMPO COMUM

1 Cor 3, 1-9 / Slm 32 (33), 12-15.20-21 / Lc 4, 38-44

«De muitos deles saíam demónios, que diziam em altos gritos: “Tu és o filho de Deus”». (Evang.)

Mas Jesus impunha-lhes silêncio. Jesus não queria ter a sua divindade anunciada antes da vinda do Espírito Santo. É que – como se viu na cruz – os discípulos não estavam preparados para O perceber antes da vinda do Espírito Santo. Como não estavam preparados, queriam fazer de Jesus um rei temporal e atrapalhariam muito a missão. Seriam uma tentação, como Pedro quando não queria que Jesus fosse preso. Nós não podemos ser uma tentação para os outros mas uma ajuda na sua missão. Às vezes, tendemos a ter muita pena e tentar – despropositadamente – aliviar a carga do outro. O leitor tenha cuidado.

Boa Nova para cada dia / setembro 2016

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Marco Cunha, s.j. (Domingos)

Tempo Comum – *Natividade da Virgem Santa Maria / Exaltação da Santa Cruz / São Mateus, Apóstolo / São Miguel, São Gabriel e São Rafael, Arcanjos*

Qui, 1 – SEMANA XXII DO TEMPO COMUM

1 Cor 3, 18-23 / Slm 23 (24), 1-4ab.5-6 / Lc 5, 1-11

Do Senhor é a terra e tudo o que nela existe. (Salmo)

Se tivermos um sentido de propriedade que nos diga que tudo o que existe na terra pertence ao Senhor, talvez não tomemos como só nosso aquilo que temos. O facto de termos pago pelas coisas não quer dizer que as possamos usar de qualquer maneira. Há que ter um sentido de que as coisas pertencem a Deus, que pertencem à humanidade, que, mesmo quando as deitamos fora, não desaparecem, mas que se transformam constantemente e dão origem a novas coisas. Hoje rezemos pelo bom uso do que temos.

Sex, 2 – SEMANA XXII DO TEMPO COMUM

1ª SEXTA-FEIRA

1 Cor 4, 1-5 / Slm 36 (37), 3-6.27-28.39-40ac / Lc 5, 33-39

O [vinho] velho é que é bom. (Evang.)

O vinho velho já sofreu muitos processos químicos. Daí que saiba melhor que o novo. Também nós devemos deixar que Deus nos torne no seu vinho velho; que Deus nos transforme para «sabermos» melhor e os homens se deliciarem, com o gosto da nossa palavra, do nosso olhar, do nosso coração. Peçamos-Lhe essa graça.

Sáb, 3 – SÃO GREGÓRIO MAGNO (Memória)

1º SÁBADO

1 Cor 4, 6b-15 / Slm 144 (145), 17-21 / Lc 6, 1-5

O Senhor vela por aqueles que O amam. (Salmo)

Deus vela por aqueles que ama através de nós. Deus é amor, e é amando, isto é, tornando Deus presente, que ajudamos os outros. Podemos é não ter consciência que estamos a tornar Deus presente, mas cada vez que amamos estamos a fazê-lo. E, assim, cada um de nós tem uma rede protetora à sua volta, formada por todos aqueles que o amam. Hoje, o leitor reze pela sua rede.

Dom, 4 – DOMINGO XXIII DO TEMPO COMUM – Ano C

Sab 9, 13-19 / Slm 89 (90), 3-6.12-14.17 / Flm 9b-10.12-17 / Lc 14, 25-33

Nos últimos domingos, vimos como, diante da pergunta «se são muitos os que se salvam», o Senhor nos diz que a Porta que dá acesso ao Banquete é estreita. Depois acrescenta que os convidados que aceitam entrar neste Banquete são os pobres e os excluídos. Hoje temos a oportunidade de verificar se estamos entre os convidados que entram no Banquete.

O reino de Deus é oferecido gratuitamente a cada um de nós, não temos de fazer nada para conquistar a entrada no Banquete, mas há condições que nos podem impedir de aceitar o convite. A porta é demasiado estreita para nós e para as nossas forças. A nós é impossível entrar, mas a Deus nada é impossível. São Lucas quer que estejamos conscientes da nossa incapacidade em fazermos-nos pequenos para que a confiança da nossa salvação seja posta em Cristo e não nas nossas forças. A

única possibilidade que temos para sermos verdadeiramente discípulos é confessar a nossa incapacidade: «quando sou fraco, então é que sou forte» (2 Cor 12, 10), diz São Paulo.

A lógica do Amor, que é a de Deus, não é a lógica do mundo. Diante da «loucura da cruz», é normal e até saudável que sintamos dentro de nós uma repulsa. Todos queremos fugir da morte e da dor. O cristão não quer a dor nem aspira ao sofrimento! Jesus Cristo aceitou o sofrimento, não procurou o sofrimento. Procurou sempre ser fiel ao Amor do Pai, aceitando as suas consequências que O conduziram à morte na Cruz. É pelo amor que a Cruz passa de símbolo de morte a símbolo de vida e de vida eterna.

Assim, Jesus diz-nos que segui-Lo para a Vida verdadeira, deixando para trás a morte, implica algumas condições muito exigentes e muito claras. Aten-

ção: são condições de liberdade e não um preço para comprar a Vida Eterna. Diz o Senhor: «Se alguém vem ter Comigo e não Me preferir ao pai, à mãe, à esposa, aos filhos, aos irmãos, às irmãs e até à própria vida, não pode ser meu discípulo». Mais à frente, continua: «Quem não toma a sua cruz para Me seguir não pode ser meu discípulo». E depois conclui: «Quem de entre vós não renunciar a todos os seus bens, não pode ser meu discípulo». Por três vezes repete o Senhor: «não pode ser meu discípulo».

Estas palavras são exigentes, mas não nos devem assustar. Não são exigências de um deus ciumento, mas de um Pai que quer que sejamos verdadeiramente livres. Ele não quer que absolutizemos esta vida. Quer que sejamos homens e mulheres verdadeiramente livres,

com o coração centrado no verdadeiro absoluto. Ele, que quer que sejamos felizes, não nos pede nada que não seja para a nossa felicidade.

Este é o cálculo que a nossa inteligência não é capaz de fazer: só através do dom recebido, só percebendo que é verdadeiramente o Senhor o primeiro, a prioridade da minha vida, posso amar em liberdade todos os outros. Deus não pede que o ame a Ele e esqueça os outros! Na verdade, se eu amo a Deus, amo necessariamente todos os outros à minha volta! Se não amo Deus, mais cedo ou mais tarde revelar-se-á que não amo ninguém a não ser o meu umbigo, porque estou só à procura de me salvar a mim mesmo. As nossas relações, só se fundadas em Deus Trino, poderão ser verdadeiras, livres e libertadoras.

Seg, 5 – SEMANA XXIII DO TEMPO COMUM

1 Cor 5, 1-8 / Slm 5, 5-6a.6b-7.12 / Lc 6, 6-11

«Estende a mão». Ele assim fez e a mão ficou curada». (Evang.)

O doente da mão atrofiada, mesmo em ambiente hostil, estendeu a mão. Quantos de nós não «diríamos» a Jesus: «Deixa lá, não Te quero causar problemas». Às vezes somos coniventes com a injustiça porque «não queremos problemas», «não queremos causar problemas». Tenho visto isto em várias situações. É bom que percebamos que não é uma atitude evangélica. Jesus causou muitos problemas. Temos que rezar para ter força para, às vezes, criarmos problemas.

Ter, 6 – SEMANA XXIII DO TEMPO COMUM

1 Cor 6, 1-11 / Slm 149, 1-6a.9b / Lc 6, 12-19

«... deteve-Se num sítio plano, com numerosos discípulos e uma grande multidão». (Evang.)

Embora houvesse multidões à volta de Jesus, muita gente só estava ligada a Ele numa relação do tipo «eu gosto de Ti enquanto a minha vida correr bem». Senhor, ajuda-nos a irmos para além de uma relação utilitarista, que não é mais do que egocentrismo. Ajuda-nos a amar-Te por Ti, por seres o Amor.

Qua, 7 – SEMANA XXIII DO TEMPO COMUM

1 Cor 7, 25-31 / Slm 44 (45), 11-12.14-15.16-17 / Lc 6, 20-26

«Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem (...) por causa do filho do Homem». (Evang.)

Não sei se no chamado Ocidente a Igreja Católica será odiada, mas que é muito vilipendiada, é. A Igreja é, muitas vezes, apresentada sob o seu lado pior, distorcendo-se uma realidade que na sua grande maioria é muito boa, mas que normalmente se desconhece porque a própria Igreja divulga pouco aquilo que faz. Caro leitor, hoje deixo-lhe um desafio: reze para que o Espírito Santo o ajude a amar a Igreja e, por exemplo, informe-se do bem que a Igreja faz em Portugal.

Qui, 8 – NATIVIDADE DA VIRGEM SANTA MARIA (Festa)

Miq 5, 1-4a ou Rom 8, 28-30 / Slm 12 (13), 6ab.6cd / Mt 1, 1-16.18-23 ou 18-23

«... dará à luz um Filho que será chamado “Emanuel”». (Evang.)

Que quer dizer «Deus conosco». Deus veio dar-Se para ficar dentro de nós e veio levar-nos para o Céu. Assim o queiramos. Está dentro de nós. Isto é que é a grande coisa do nosso Deus. O nosso Deus está dentro de nós (o leitor já pensou bem nisto?). Está dentro de nós muito suavemente, como uma brisa que só se sente se estivermos muito atentos e de que nos podemos defender fechando-nos em casa. Mas, se abirmos as janelas, a brisa envolve-nos e refresca-nos. Deus pode refrescar-nos, descansar-nos, aliviar-nos. Hoje, o leitor descanse em Deus.

Sex, 9 – SEMANA XXIII DO TEMPO COMUM

1 Cor 9, 16-19.22b-27 / Slm 83 (84), 3-6.12 / Lc 6, 39-42

Como é agradável a vossa morada, Senhor do Universo! (Salmo)

Como diz o salmo, Deus é o Senhor do Universo, de maneira que podemos considerar que a sua morada é todo o Universo. Para o leitor, é um sítio agradável para viver? Contemple as maravilhas que Deus criou: através do homem e na natureza, demore a contemplá-las e agradeça-o a Deus.

Sáb, 10 – SEMANA XXIII DO TEMPO COMUM

1 Cor 10, 14-22 / Slm 115 (116), 12.13.17.18 / Lc 6, 43-49

A boca fala do que transborda do coração. (Evang.)

Sim, mas não podemos julgar a partir daí. E isso é que é difícil. Tendemos sempre a chegar ao coração do outro através do que ele diz. Normalmente nem damos o benefício da dúvida. Embora a boca reflita o coração, às vezes é muito difícil saber que tipo de coração é que ela está a refletir. Outras vezes, de facto, não está a refletir grande bondade, mas a maldade que está a expelir foi provocada por nós. Rezemos para termos uns ouvidos mais neutros quando o outro «mexe connosco».

Dom, 11 – DOMINGO XXIV DO TEMPO COMUM – Ano C

Ex 32, 7-11.13-14 / Slm 50 (51), 3-4.12-13.17.19 / 1 Tim 1, 12-17 / Lc 15, 1-32

O capítulo 15 de Lucas revela o núcleo do Evangelho: Deus é Pai misericordioso. Muito diferente daquela imagem que Adão tem d'Ele e que, por isso, o leva a fugir quando se apercebe da sua presença. As três parábolas da misericórdia que hoje meditamos são a da *ovelha perdida*, da *dracma perdida* e do *Pai de Misericórdia com os seus dois filhos*.

Às vezes pensamos que a parábola da *dracma perdida* seja uma simples repetição quase inútil da parábola da *ovelha perdida*, mas no Evangelho não existem repetições inúteis. Porque é que estas duas parábolas, assim tão parecidas, aparecem uma depois da outra no Evangelho de Lucas?

Só ignora a importância de uma repetição quem ignora a

sua importância na oração. A repetição faz parte do caminho espiritual de cada cristão, porque *não é o saber sempre coisas novas que sacia o Homem, mas sentir e saborear interiormente as coisas essenciais*. Na repetição descobrimos o valor das coisas e as suas características tornam-se cada vez mais claras: aquilo que é verdadeiramente belo torna-se cada vez mais belo na medida em que o revisitamos, tal como as pessoas que verdadeiramente amamos se tornam cada vez mais belas à medida que passamos tempo com elas: são as mesmas, mas sempre novas. Se o Evangelho nos apresenta uma repetição, deveríamos ter uma atenção redobrada para não passar depressa demais sobre um detalhe considerado tão importante que era necessário descrevê-lo duas vezes.

Estas parábolas são dirigidas aos fariseus e doutores da lei que se consideram puros e que não sentem necessidade de salvação. Jesus, fazendo-se rodear de pecadores públicos, cobradores de impostos e marginalizados, apresenta Deus como um Pai que ama incondicionalmente os seus filhos. Na verdade, Lucas está a dizer-nos que o Cristianismo não é uma

seita de puros, mas acolhimento de pecadores e que se torna numa verdadeira fraternidade na medida em que nos vamos reconhecendo irmãos, pecadores perdoados e muito amados pelo Pai.

A dracma e a ovelha perdida desta parábola têm uma característica comum: valem de facto muito pouco. O valor real da moedinha é muito baixo, mesmo para uma pessoa pobre, e uma ovelha, para quem tem cem, se calhar não justifica todo o trabalho que o pastor lhe dedica. O que é realçado na parábola da moedinha perdida não é tanto o valor da moedinha em si, mas a relação da mulher com a moedinha. Isto muda a situação. Porque a moedinha é importante para a mulher, ela varre toda a casa à procura dela.

Para Deus, qual é a importância de cada um de nós? Somos de facto tantos no mundo, porque é que Deus Se importa se morre ou vive um de nós? Porque está Deus tão preocupado com o mundo a ponto de nos dar o seu Filho Unigénito? Porque temos tanto valor para Ele? A resposta é uma só: aquilo que nos dá valor é o amor de Deus. É do Amor de Deus que nasce uma relação nova entre nós.

Esta relação tem consequências profundas: porque nos ama, Deus dá o seu próprio Filho por nós. É o seu amor por nós que faz de nós Filhos de Deus. Não temos esse valor em nós nem por o merecermos devido às nossas boas obras, nem por ser parte da nossa natureza, mas porque somos amados!

Seg, 12 – SEMANA XXIV DO TEMPO COMUM

1 Cor 11, 17-26.33 / Slm 39 (40), 7-8a.8b-10.17 / Lc 7, 1-10
«... tão grande fé». (Evang.)

Uma «tão grande fé» implica «empatia» com Deus, quero dizer, implica ter fé quando Deus faz o que nós gostaríamos ou quando parece que Deus é injusto. Ter fé é ter a certeza que o bem vence o mal, que o ódio se combate com o amor, porque o amor verdadeiro vem de Deus, pois Deus é amor. Ter fé é ter a certeza que o amor vence. Pai, ajuda-me a ter esta certeza.

Ter, 13 – SÃO JOÃO CRISÓSTOMO (Memória)

1 Cor 12, 12-14.27-31a / Slm 99 (100), 2-5 / Lc 7, 11-17
«... o Senhor compadeceu-Se». (Evang.)

O Senhor compadeceu-Se de nós que estamos a uma distância infinita d'Ele, que somos pequeninos, que não somos nada sem Ele, que não somos nada sem o Amor. Mas, como nos ama, somos seus filhos, somos dignos, temos uma dignidade divina. Jesus, ajuda-me a nunca rejeitar a minha dignidade divina que é servir, que é ser pequenino, que é estar para o outro. Ajuda-me a perceber que é aí que está a minha divindade e não como o mundo a considera.

Qua, 14 – EXALTAÇÃO DA SANTA CRUZ (Festa)

Num 21, 4b-9 ou Fil 2, 6-11 / Slm 77 (78), 1-2.34-35.36-37.38 / Jo 3, 13-17
Obedecendo até à morte e morte de cruz. (Fil 2, 8)

A cruz é o amor até ao fim; o amor até ao fim a nós e aos outros. Em que é que amar até ao fim se tem demonstrado no dia a dia do leitor? Se calhar, em ser mais rígido, mais assertivo, ou generoso.

Pode analisar vários campos da sua vida e ver se o seu amor, a sua forma de amar em cada um deles não é um bocado a meias. Talvez não. Talvez seja «até ao fim». Agradeça por isso.

Qui, 15 – NOSSA SENHORA DAS DORES (Memória)

Heb 5, 7-9 / Slm 30 (31), 2-6.14-16ab.20 / Jo 19, 25-27 ou Lc 2, 33-35 (L. Santoral)
Cada lágrima chorada lembra uma estrela tombada do fundo do vosso olhar. (Sequência)

Uma estrela que tomba sobre nós. O sofrimento de Nossa Senhora vem até nós como o sofrimento de nenhuma mulher na história da humanidade. O mal ataca insidiosamente a nossa Igreja, o corpo místico de Cristo, como atacou Jesus desde a primeira hora. E Nossa Senhora com Ele. De vez em quando, nós, pessoas de boa vontade, também fazemos mal à Igreja. Tomemos consciência disso e peçamos perdão a Nossa Senhora, nossa mãe.

Sex, 16 – SÃO CORNÉLIO E SÃO CIPRIANO (Memória)

1 Cor 15, 12-20 / Slm 16 (17), 1.6-7.8b.15 / Lc 8, 1-3
(...) e muitas outras, que serviam Jesus e os discípulos com os seus bens. (Evang.)

Estas mulheres seguiam Jesus e proviam ao seu sustento e dos discípulos. Eram mulheres agradecidas e reconhecidas. É muito importante sermos reconhecidos. Às vezes, não podemos fazer muito por aqueles que nos fazem bem, mas podemos sempre mostrar o nosso apreço por esse bem que nos fizeram, podemos sempre rezar por essas pessoas. Podemos fazer com que elas sintam que lhes estamos reconhecidos. Hoje, testemunhemos apreço a uma dessas pessoas.

Sáb, 17 – SEMANA XXIV DO TEMPO COMUM

1 Cor 15, 35-37.42-49 / Slm 55 (56), 9ab.10-14 / Lc 8, 4-15
«Outra parte caiu em terreno pedregoso...». (Evang.)

Sim, muitas vezes a palavra cai em terreno pedregoso e hoje estou aqui, Senhor, para que me ajudes a que isso não aconteça. Disseste ao fariseu em casa de quem jantavas que aquela mulher

que Te limpava os pés com os seus cabelos fora perdoada porque muito amara (Lc 7, 47). Senhor, ajuda-me a amar muito. (O leitor pense numa pessoa concreta para amar muito ao longo do dia.)

Dom, 18 – DOMINGO XXV DO TEMPO COMUM – Ano C

Am 8, 4-7 / Slm 112 (113), 1-2.4-6.7-8 / 1 Tim 2, 1-8 / Lc 16, 1-13

O contexto do Evangelho de hoje continua a ser a mesa onde o Senhor come com os pecadores. Jesus revelou aos supostamente justos quem é o Pai. Revelou-nos como é o seu coração e que Ele é Misericórdia. É este o seu rosto. Agora revela aos discípulos o uso correto dos bens do mundo, dos quais somos administradores e não donos.

São Lucas adverte-nos que a acumulação de bens é sempre fruto da injustiça. Na verdade, a acumulação nunca é feita por puro amor a Deus e ao próximo! Somos, assim, advertidos para o que fazer com os bens: estes são um dom do Pai para partilhar com os nossos irmãos.

Esta parábola parece-nos muito estranha. Porque é que o Senhor está a elogiar este administrador desonesto?

Para São Lucas, o tema da misericórdia é especialmente caro. Ele diz-nos que «a quem perdoa, será perdoado; a quem dá, será dado» (Lc 6, 37). Assim, apresenta-nos aqui o Senhor que elogia este administrador

que começou a dar os bens, tal com tinha acusado o «rico insensato» que queria acumular (Lc 12, 16ss).

Nós somos todos administradores dos dons que recebemos. Desde a vida que nos é dada, ao tempo de que dispomos, até à força que temos para trabalhar, são tudo dons que recebemos e somos chamados a administrar com sabedoria. O «vil dinheiro» indica a propriedade injusta de bens: acumular para nós é contrário àquilo para que servem os bens. Acumular faz com que se reúnam inimigos à nossa volta; distribuir faz com que se congreguem amigos. A esmola, como nos é apresentada no Novo Testamento, é a nova justiça, aquela que faz de nós irmãos e irmãs no concreto da nossa vida.

Temos de escolher quem queremos servir: ou a Deus ou ao bem-estar que os bens acumulados nos transmitem. Qual é a finalidade da nossa vida? Para onde estamos a caminhar? Qual é a via para lá chegarmos?

São Lucas sabe que os bens são dom de Deus e, por isso, não os demoniza, dizendo que são maus, mas diz-nos para não fazer deles absolutos, coisas imprescindíveis para a nossa felicidade. Ele quer chamar a atenção para não cairmos na tentação de quereremos «sol na eira e chuva na horta». Ele quer que não confundamos os

meios que temos para alcançar a meta desta vida: Deus, nosso único Senhor.

Os bens que temos são dom de Deus, mas têm um valor reduzido quando comparado ao do *verdadeiro Bem* que é o Amor d'Ele. Somos convidados a dar o uso correto aos bens, entrando em comunhão com o Pai e com os nossos irmãos e irmãs.

Seg, 19 – SEMANA XXV DO TEMPO COMUM

Prov 3, 27-34 / Slm 14 (15), 2.3ab.3cd-4ab.5 / Lc 8, 16-18
«Não há nada oculto que não se torne manifesto». (Evang.)

Hoje peçamos ao Espírito Santo que desenterre os nossos pecados das profundezas dos nossos segredos e os leve para o colo de Jesus, para que Jesus os queime e os transforme em graça. Peçamos ao Espírito Santo que nos ensine a tirar coisas boas dos nossos pecados – ensinamentos para o futuro, mais cautela, vontade de amar mais – e peçamos-Lhe também pelos amigos que nos ajudam a combater os nossos pecados. (Porque não tem que ser uma luta solitária.) Ámen.

Ter, 20 – SANTOS ANDRÉ QUIM TAEGON, PAULO CHANG HASANG E COMPANHEIROS MÁRTIRES (Memória)

Prov 21, 1-6.10-13 / Slm 118 (119), 1.27.30.34.35.44 / Lc 8, 19-21

«Minha Mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática». (Evang.)

Temos uma família no Céu, uma família mística, uma família com a Santíssima Trindade e Nossa Senhora. Peçamos ao Espírito Santo desejo de vivermos cada vez mais com esta família, com Deus e com Nossa Senhora. Peçamos-Lhe que nos dê a graça de vermos o contributo que cada um pode trazer à nossa vida. Hoje meditemos neste contributo de cada um. (Ou de algum deles.)

Qua, 21 – SÃO MATEUS, APÓSTOLO (Festa)

Ef 4, 1-7.11-13 / Slm 18 A (19 A), 2-5 / Mt 9, 9-13

Ide aprender o que significa: «prefiro a misericórdia ao sacrifício». (Evang.)

Ide aprender, diz Jesus. Bem, a maneira de aprender é praticarmos. O problema é que o sacrifício é muito mais fácil. Então há uns sacrifícios que se fazem sempre pela Quaresma que são automáticos; é aquilo e pronto. Mas sermos misericordiosos é mais difícil, mexe mais conosco, exige mais energia, boa vontade e inteligência. Exige quebrar uma certa inércia. Leitor, se me permite falar-lhe assim, «mexa-se»!

Qui, 22 – SEMANA XXV DO TEMPO COMUM

Coh 1, 2-11 / Slm 89 (90), 3-6.12-14.17 / Lc 9, 7-9

«E procurava ver Jesus». (Evang.)

Herodes procurava ver Jesus mas mais como uma curiosidade entre as muitas que a sua corte lhe oferecia. Senhor, não quero que a minha relação Contigo seja de curiosidade. Não quero que seja só uma relação intelectual, uma relação de estudo, uma relação de contemplação da beleza das tuas imagens, dos teus templos. Quero, Senhor, que a minha relação Contigo seja pessoal, como a tinhas com tua e minha Mãe, como a tinhas com os teus amigos e companheiros.

Sex, 23 – SEMANA XXV DO TEMPO COMUM

Coh 3, 1-11 / Slm 143 (144), 1a.2abc.3-4 / Lc 9, 18-22

«Quem dizem as multidões que Eu sou?». (Evang.)

As multidões enganavam-se. E nós? Nós temos que ser diferentes das multidões. Temos uma noção comum – é a noção do credo – e cada um de nós tem uma noção individual que vem da sua forma original de rezar. Mas é preciso ter uma boa síntese entre o que é ortodoxo – o que a igreja defende – e a nossa experiência pessoal para não irmos atrás das asneiras (bem presentes) das multidões. O leitor reze para que o Espírito Santo o ilumine porque «as multidões» dizem muitos disparates.

Sáb, 24 – SEMANA XXV DO TEMPO COMUM

Coh 11, 9 – 12, 8 / Slm 89 (90), 3-6.12-14.17 / Lc 9, 43b-45

Ensinaí-nos a contar os nossos dias, para chegarmos à sabedoria de coração. (Salmo)

Hoje peçamos a Nossa Senhora sabedoria de coração. Há uma expressão que aparece duas vezes em Lucas relacionada com isto: «sua Mãe guardava todas estas coisas no seu coração» (Lc 2, 19.51). Parece que Nossa Senhora foi adquirindo sabedoria de coração ao longo da sua vida. Peçamos-lhe para saber reagir equilibradamente aos desafios emocionais que se nos apresentam.

Dom, 25 – DOMINGO XXVI DO TEMPO COMUM – Ano C

Am 6, 1a.4-7 / Slm 145 (146), 7.8.9.10 / 1 Tím 6, 11-16 / Lc 16, 19-31

O Evangelho deste domingo apresenta-nos o horizonte da nossa vida: se, por um lado, é errado alienar a nossa vida em prol de um paraíso futuro, por outro, é também um erro viver como se esta fosse a vida definitiva e eterna. Aqui somos peregrinos e caminhamos para o encontro definitivo com o Pai. Vida presente e vida futura não estão em contraposição, não se negam uma à outra, mas estão em continuidade como a sementeira e a recolha dos frutos.

Esta passagem não é uma simples condenação da riqueza e exaltação da pobreza. Na sequência da parábola do «Rico insensato» (Lc 12, 16-21) e do «administrador sagaz» (Lc 16, 1-8), somos convidados a estar atentos ao correto uso

dos bens que temos ao nosso dispor, de modo a manifestarmos o Amor que nos une como irmãos e irmãs.

Muitas vezes, pensamos no «dia do Juízo» como o «*dia da ira*», da *calamidade* ou da *miséria*, em que seremos colocados diante de um juiz severo, que julgará as nossas ações, e temos medo desse dia. Mas os primeiros cristãos cantavam em alta voz: *Maranà tha*, vem, Senhor Jesus. Esperavam com alegria a vinda do Senhor.

Às vezes, imaginamos o inferno como a vingança de Deus para aqueles que se *portaram mal* durante a vida, mas Jesus Cristo apresentou-nos um rosto misericordioso do Pai, que nos chama a todos os *que estamos cansados e oprimidos*. Convida-

-nos a pegar na sua cruz, que é doce e suave. Será que depois da nossa morte Se apresentará com um juiz *justo e terrível*?

Cristo veio para nos libertar da morte, consequência do pecado, e só Ele nos pode libertar. O pecado é como uma espécie de suicídio em que nos introduzimos dentro do poder da morte. Ora, o inferno não é um lugar para onde os «maus» são enviados, uma espécie de campo de concentração para os que se *portaram mal*, mas um estado de morte em que nos colocamos quando nos afastamos de Cristo, que é a Vida. Atenção! O inferno somos nós que o preparamos e não é só por culpa dos «maus»: os supostamente «bons», contentes com as suas boas obras e a sua bondade, terão que justificar diante do Senhor porque é que não ajudaram os «maus», os pecadores, a libertarem-se do mal.

Às vezes, imaginamos o Senhor enviando os «maus» para o inferno e, se calhar, até achamos que foram justamente condenados, dando em nós espaço a sentimentos de vin-

gança. Na verdade, somos chamados a lutar para que todos os nossos irmãos e irmãs se livrem da morte eterna e se agarrem a Cristo. Sentimentos de vingança criam *inferno* à nossa volta. Não dediquemos tempo a criar *inferno*, mas a dar espaço à vida: somos convidados a libertar-nos de todos os instintos de vingança, de querer que os «maus» sejam condenados, e a dar espaço em nós para o amor uns pelos outros.

Meditando no «inferno», isto é, na tremenda possibilidade de nos afastarmos do Amor de Cristo, podemos compreender as palavras de Santo Antão, abade, que dizia que todos serão salvos e que só ele merecia o inferno. Olhando para o seu coração, via tantos momentos na vida em que, podendo abraçar o Amor do Senhor, se afastava, separando-se de Cristo. É este o inferno, a morte eterna, o afastamento do Amor.

«Porque quem não pratica a misericórdia será julgado sem misericórdia. Mas a misericórdia não teme o julgamento» (Tg 2, 13).

Seg, 26 – SEMANA XXVI DO TEMPO COMUM

Job 1, 6-22 / Slm 16 (17), 1-3.6-7 / Lc 9, 46-50

«Mas Jesus, que lhes conhecia os sentimentos íntimos...». (Evang.)

Jesus vê os pensamentos do coração do leitor. O que é que isto lhe diz? O que é que isto provoca em si? Veja o que é que lhe provoca: medo, inquietação, alegria, paz, calma, descanso, força, ansiedade, etc. (Não ache que devia sentir uma coisa ou outra.) Depois de fazer isto, deixe-se penetrar pelo olhar de Jesus. E como é o olhar de Jesus? Mais uma vez, não pense no que acha que o olhar de Jesus é. Experimente. Deixe-se surpreender. Depois olhe esse olhar nos olhos.

Ter, 27 – SÃO VICENTE DE PAULO (Memória)

Job 3, 1-3.11-17.20-23 / Slm 87 (88), 2-8 / Lc 9, 51-56

Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu que os destrua? (Evang.)

A poucos dias do fim da pregação de Jesus, Tiago e João ainda não tinham percebido nada da sua doutrina. Achavam que quem lhe recusasse guarida devia ser destruído pelo fogo. Nós sabemos que Jesus, de vez em quando, se exasperava (Mt 17, 17) e esta deve ter sido uma dessas ocasiões. O leitor acha que Jesus se exaspera consigo? Porquê? Converse com ele sobre isso.

Qua, 28 – SEMANA XXVI DO TEMPO COMUM

Jo 9, 1-12.14-16 / Slm 87 (88), 10bc-15 / Lc 9, 57-62

«Seguir-Te-ei para onde quer que fores». (Evang.)

Estamos habituados a pensar que é Jesus que nos acompanha, mas nós também temos o dever de O acompanhar. Ele indica-nos as situações que precisam de nós. Este mundo está cheio de problemas (e coisas boas) que precisam do nosso amor. Por exemplo, é muito diferente fazermos o nosso trabalho com amor – com Jesus – do que de uma forma mecânica – com indiferença. Acompanhemos Jesus em tudo o que fazemos ao longo do nosso dia de hoje.

Qui, 29 – SÃO MIGUEL, SÃO GABRIEL E SÃO RAFAEL, ARCANJOS (Festa)

Dan 7, 9-10.13-14 / Slm 137 (138), 1-2a.2bc-3.4-5 / Jo 1, 47-51

«Eis um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento». (Evang.)

Eu quero ser um verdadeiro cristão, em quem não há fingimento, um cristão de uma só cara. Mas é muito difícil, todos nós somos incoerentes. Sim, mas não é uma fatalidade. As piores são as que nós não notamos, precisamente porque não as notamos. Mas para isso temos os nossos amigos que nos podem ajudar. Se os nossos amigos, a nossa família não nos ajudam a entrar no Céu, quem é que vai ajudar? Peça-mos a Deus que nos apontem as incoerências que não conseguimos ver.

Sex, 30 – SÃO JERÓNIMO (Memória)

Job 38, 1.12-21; 40, 3-5 / Slm 138 (139), 1-3.7-10.13-14 / Lc 10, 13-16

«*Quem Me rejeita, rejeita Aquele que Me enviou*». (Evang.)

A nossa relação com uma Pessoa da Santíssima Trindade tem sempre repercussões nas outras. No entanto, rezamos a uma Pessoa determinada porque essa nos toca mais por determinada razão. Mas não nos devemos fechar. Pode ser que para o leitor seja bom rezar a uma Pessoa que não a habitual. Pode ser que as outras Pessoas da Trindade tenham outras coisas para lhe dizer, pois cada Pessoa tem as suas características. Hoje, fale com uma Pessoa diferente da habitual.